

## O SOLDADO E A BAILARINA: PRÁTICAS PSICODRAMÁTICAS NO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

Manon Toscano Lopes Silva Pinto

Colégio Militar de Salvador, [toscanomanon@yahoo.com](mailto:toscanomanon@yahoo.com)

### RESUMO:

O artigo objetiva apresentar um estudo de caso, ocorrido no Colégio Militar de Salvador com discentes do Ensino Básico, resultante de uma experiência com o psicodrama socioeducacional nas oficinas interdisciplinares de Língua Portuguesa – Artes Cênicas. A meta é o desenvolvimento da espontaneidade, da criatividade e da sensibilidade como competências e habilidades auxiliadoras do multiletramento e desenvolvimento de competências, programa instituído pela Divisão de Ensino Preparatório Assistencial que supervisiona o Sistema Colégio Militar do Brasil. Compreender a utilização do psicodrama em projetos interinstitucionais nas oficinas de dança-teatro do estabelecimento foi uma importante ação pedagógica desde 2009, quando foi empregado como uma técnica auxiliar das práticas transdisciplinares implicadas nas atividades motoras, de dança, de circo e até de artes marciais. Nesse processo, as demais áreas de conhecimentos, coadunadas com a dança, auxiliaram o ensino por competências, programa instituído no próprio sistema.

**Palavras-chave:** arte-educação, dança, teatro, psicodrama pedagógico, transdisciplinaridade.

## INTRODUÇÃO

A necessidade de desenvolver a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade discente nos faz entender que a dança operacionalizada nesses moldes é como estudar o próprio desenvolvimento da dança como atividade lúdico-criativa. Tais elementos constituintes do psicodrama, metodologia de trabalho no contexto da psicologia, foi criado por Jacob Levy Moreno (1985). Entre os objetivos dessa proposta esta o fortalecimento de vínculos e a liberação do estado lúdico do ser no campo da arte educação. Isso porque o psicodrama, implicado na heterogeneidade da dança requerida, torna o resultado desses encontros uma produção híbrida, entendida como fusão de estruturas discretas e internas, como propaga Canclini (2003).

Pelo fato de a dança fazer parte de um processo natural de expressão corporal humana, convencionar as gestualidades, decerto que pode gerar uma perda da identidade. Portanto, ultrapassar as conservas culturais que Moreno denominou categorias de processos reprodutivos da humanidade, torna-se importante, principalmente em qualquer atividade motora, para assegurar o desenvolvimento e a formação humana que só podem existir num processo de transformação. Ressaltamos que a dança, por ser uma atividade extracurricular no estabelecimento citado, foge das normas institucionalizadas, o que facilitou a inserção de outras metodologias sem a necessária autorização para sua prática, assim como o psicodrama que minimizou a gestualidade estereotipada pela intensa convivência com a ginástica e outras modalidades esportivas, bem como respondeu positivamente à questão suscitada, respaldada em análises anteriores que mostraram ser necessário ampliar os resultados positivos apresentados nas construções coreográficas, de natureza inter e transdisciplinar: Como o psicodrama foi desenvolvido no colégio em atividades interdisciplinares de dança-teatro?

É fato inquestionável que, por meio das artes dramáticas, o corpo se expressa, se comunica e fortalece os vínculos sociais e humanitários. Na educação, as artes cênicas são apontadas como necessidades educacionais e viabilizadoras desses feitos. Haja vista que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) insere essa prática no contexto das atividades pedagógicas, justamente por conta dessas características. Na sua estrutura, a leitura de textos dramáticos é uma das tarefas primordiais, consideradas viabilizadoras da relação com os demais conteúdos, não apenas das referidas disciplinas, mas em outros campos do saber.

Com a leitura e a interpretação de textos dramáticos sobre mitologias, lendas, fábulas, contos maravilhosos e histórias em quadrinhos, além das obras dramáticas listadas como obrigatórias, presentes, inclusive, no Ensino Médio, todos os estudantes se sentem obrigados a

trabalhar, cenicamente o teatro, a pedido dos respectivos docentes, em todos os níveis de ensino. Especialmente no 6º ano, a ludicidade, a intuição, a imaginação e a expressão oral são referências que elevam a qualidade dessas expressões escritas, verbais ou corporais, diferentemente do panorama citado por Lepage (2013, p. 10), referente à frequência da racionalidade nas escolas quebequenses sobre essas formas de desenvolver a aprendizagem.

Infelizmente a sociedade, de uma maneira geral, não confere o devido valor às atividades de dança, principalmente se associadas à ludicidade, desconsiderando a validade do exercício da visão panorâmica que todo ensino por competências procura evidenciar. Assim, passa despercebido que essa é uma oportunidade de usufruir um tempo que explora conteúdos até de outros anos letivos, evitando a realização de trabalhos isolados, ao mesmo tempo em que diminui o número de avaliações públicas e as realizações *in loco*, verdadeiros atos sociais, ecopedagógicos e de natureza inclusiva que oferecem um leque de opções, que sua praticidade alcança como área fim e área meio.

O desenvolvimento dessas competências específicas, como a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade, elementos essenciais no desenvolvimento da expressão verbal, escrita e corporal e ausente nas manifestações artísticas dos discentes, gerou, em 2013, a idealização de um projeto que suprisse essas necessidades, consideradas primárias para os atos cênicos. As primeiras oficinas, supervisionadas nos moldes definidos pela Associação Baiana de Psicodrama (ASBAP), instituição promotora da formação em psicodrama, foram realizadas nos anos de 2012, 2013 e, mais intensamente, em 2014, quando encerramos o referido projeto com a apresentação pública do musical “O soldado e a bailarina”, quando o psicodrama pedagógico foi apresentado como principal recurso metodológico para as atividades de dança.

Ademais, tornou-se urgente regularizar as atividades de dança no próprio estabelecimento, tendo em vista que está inserida na área de Códigos e Linguagens, na qual a Educação Física e a Educação Artística e suas especificidades estão inseridas. Por isso, o reconhecimento de que no psicodrama existem ferramentas que podem alardear os objetivos da própria disciplina e do estabelecimento, atendeu ao universo institucional de maneira mais abrangente, fator que impulsionou sua aplicabilidade, tornando a prática uma raridade.

As pesquisas educacionais nesse campo, principalmente quando circunscritas no contexto da dança, são relevantes e significativas, e sua justificativa se dá principalmente porque, em um momento em que ainda não se esgotou questões relativas às dificuldades no campo pedagógico por diversas razões, compreender mecanismos de poder que conduzem ou não ao ensino-aprendizagem, levam às possibilidades de ampliar o interesse pela apreensão das resistências que ocorrem nesse

caso, tornando-o relevante socialmente. Primeiro por se tratar de elementos constitutivos da dança e segundo, pela dimensão que o tema se estende, uma vez que essa atividade é percebida como uma forma de assinar nosso próprio corpo. Assim entendemos que se trata de uma prática ecossistêmica e transdisciplinar, por natureza.

A educação é um propósito universal. Assim como a cultura, as práticas educativas deveriam estar associadas aos referenciais do ser humano em desenvolvimento. Quando nos referimos ao desenvolvimento, não podemos apagar de nossa memória as experiências mais primárias. O primeiro espaço que tomamos ciência é o nosso ‘quarto de brinquedos’. Nossos segredos, simpatias e tudo o mais que podemos angariar nos degraus da vida tem relação direta e indireta com esse espaço especial e perene. É nele que revelamos nossos corpos, pensamentos e jogamos no etéreo, com as estrelas por testemunhas. É nesse lugar que aprendemos a brincar com o corpo, e, uma das brincadeiras é a vivência com a musicalidade interna e externa. Assim, começamos a dançar. Formam-se, a partir daí, possibilidades múltiplas de criação, expressão, socialização, cooperação e aprendizagem com o corpo.

Seja pela dança, ou pelos jogos e brincadeiras, o fenômeno da ludicidade pode alcançar os portais das diversas escolas espalhadas no país. A dança, em especial, faz parte desse mundo tão recôndito que cada criança incorpora. Mesmo sem saber os motivos pelos quais o corpo dança, com o tempo, ele se transforma, e, às vezes, aquela dança que cada criança experimentou, fica bem distante da dança que um dia cada corpo infantil aprendeu de um jeito.

Para tratar desse assunto, a presente investigação se propõe a tecer um olhar sobre as vivências lúdicas criativas realizadas nas oficinas de dança-teatro no Colégio Militar de Salvador (CMS). Numa instituição tão distante dos propósitos de uma educação para a liberdade de criar, de expressar-se, talvez se torne muito difícil para alguém imaginar que ali, naquele espaço singular, uma sala de aula pode se transformar num quarto de brinquedo, e lá, dar passagem para jogos e brincadeiras, entre os quais, ‘de abóbora faz melão, de melão, faz melancia’. Assim, questionamos: Como a dança-teatro pôde incorporar vivências lúdicas criativas numa perspectiva transdisciplinar no Colégio Militar de Salvador?

Ao questionar como essas possibilidades podem se tornar vigentes numa instituição tão plena de tradicionalismos, respondemos positivamente, uma vez que, nesse espaço, os momentos disponibilizados para os jogos e brincadeiras puderam sobrepujar os modelos pedagógicos convencionais, até então, inquestionáveis, o que tornou a pesquisa um tanto quanto curiosa, e, de certa forma, transformadora, como propõe toda prática embasada na transdisciplinaridade.

O interesse pelo tema adveio da necessidade de tornar público que as instituições militares, desde a entrada do corpo feminino, modificou o cenário essencialmente masculino e a heterogeneidade presente levou à inclusão de atividades que antes não eram incorporadas aos conteúdos programáticos, como a dança, por exemplo, e que fez a diferença. Desse modo, a dança-teatro permitiu a inclusão de uma pluralidade de ‘saberes e fazeres’ e se tornou um conteúdo curricular das atividades elaboradas para as aulas eletivas, ocorridas no turno vespertino.

Uma vez que esse artigo tem como recorte socializar a inserção de práticas lúdico criativas e transdisciplinares nas atividades de dança, mergulhar nos conceitos implicados sobre a ludicidade, construto pertinente à história universal da humanidade, é estudá-la em conjunto com aquele que poderá ou não praticá-la, mas entendê-la como elemento mor cultural. Para isso, foi uma sugestão mais do que cabível, tratar a dança nos conceitos da transdisciplinaridade e ludicidade, formas que a levaram ao que hoje se conhece por dança através, também, de ações psicodramáticas.

Nesse contexto, é um estudo justificável, até porque, o contingente de integrantes dessas escolas é expressivo, a tal ponto que muitos podem ser os jovens que passarão a rever suas ações e entendê-las à luz da ludicidade. Entretanto, a magnitude do trabalho se encontra na possibilidade de se exaltar práticas que vão além das do cotidiano da referida instituição, e que podem mostrar como aprender a transformar o lugar comum em algo inusitado, criativo, lúdico ao utilizar os jogos e brincadeiras como técnicas especiais oriundas do coração. Portanto, podemos ter como resposta uma pluralidade de quesitos que contemplem o ensino por competências, uma vez que esse é o caráter institucionalizado do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB). Assim, precisamos de um recorte, e este se fez representativo ao capturarmos algumas dessas oficinas para mostrar como chegamos ao estado de ludicidade exigido para uma dança no contexto escolar.

Uma vez que entendemos a educação como um processo de desenvolvimento humano, a questão problematizadora tem relação direta com a vida pessoal e profissional da pesquisadora e, de certo modo, instiga a sociedade para entender que, uma vez que a instituição em que o processo se desenvolveu, pelas características próprias, coloca em dúvida se é possível associar práticas tão holísticas como a transdisciplinaridade, a ludicidade, a criatividade, espontaneidade e sensibilidade e o público alvo se apresentam como a representação de uma educação que dá significado à vida.

Com esse estudo, pretendemos, como objetivo geral, socializar como a dança-teatro pode incorporar vivências lúdicas criativas numa perspectiva transdisciplinar no CMS. É uma pesquisa bibliográfica, de certo modo, porém, faz parte de um estudo de caso, pois evidenciamos uma prática que não é usual no SCMB, tornando-se um caso único.

## METODOLOGIA

A pesquisa inicial contou com todos os discentes inscritos nas atividades de dança-teatro; porém, para a publicação do trabalho, consideramos apenas os quinze integrantes, de ambos os sexos, com idade de 9 a 14 anos do 6º ano, tornando-os a população-alvo do estudo. Em virtude de os discentes sentirem necessidade de investir em atividades voltadas para o exercício da criação coreográfica, as oficinas serviram para consolidar essa solicitação associada a dos docentes e dos gestores, favorecendo outros interesses coletivos relacionados à expressão verbal, oral e corporal. Considerando que a população apresentava dificuldade com a expressividade em todos os campos do saber, as atividades planejadas incluíam prioritariamente esses itens, deixando os conteúdos próprios da dança para um segundo plano.

Para viabilizar o estudo, procuramos entender o conceito de psicodrama aplicado nas artes cênicas, articulado aos princípios de Moreno (1985) e Bermudez (1999), relacionando-os à complexidade de Morin (2000). Centrados em parâmetros epistemológicos cujos conhecimentos estão situados no contexto social, cultural e historicamente determinado, adotou-se uma postura analítica e política diante do objeto estudado com a aplicação do psicodrama nas atividades eletivas de dança, em conjunção com a disciplina de Língua Portuguesa. Utilizou-se também a obra de Weil (1999), cujo discurso ecológico, interdisciplinar e transdisciplinar foi necessário para compreender a imersão do psicodrama no Brasil, além de se tratar de um ícone na educação transdisciplinar brasileira.

No SCMB, os jovens, em sua maioria, não escolhem a carreira militar, mas são obrigados a entender os símbolos e a magnitude da instituição como um significado que vai além daqueles que os próprios discentes elegem como primários. E assim assumem, diariamente, um papel de “pseudos” soldados e/ou futuros cadetes, aprendizes de um ofício que pouco tem a ver com a maioria deles, que escolherão profissões díspares: médicos, dentistas, advogados e até artistas, dançarinos ou diretores de teatro. Para entender essas questões, optou-se pela valorização das falas dos discentes por acreditar que, assim, as construções dramáticas pudessem ser mais fidedignas às análises e às interpretações. Para o desenvolvimento do projeto, foi preciso que todos os docentes reconhecessem no psicodrama um instrumento facilitador dos vínculos.

No tratamento de dados, avaliou-se polilogicamente esses discursos, nos momentos de compartilhamento, ocorrido no final das aulas. Portanto, ao contrário de uma discussão isolada

sobre a validade da inserção do psicodrama, pesquisamos a possibilidade de abertura ao diálogo com os principais protagonistas, gerando um trabalho cocriativo, socializando os fatores impactantes, momentos em que expressavam sentimentos, impressões e processos, ressaltando momentos mais significativos.

## RESULTADOS

De acordo com Mödinger (2012, p. 14), “ser cidadão significa participar e lidar com segurança com a complexidade do mundo para intervir nele criativamente – para isso, é necessário compreender as relações humanas como complexas, diversas, situadas e historicamente construídas”. Idealizamos as oficinas conforme o criador do psicodrama, Jacob Levy Moreno. Nesse processo, o fortalecimento de vínculos torna-se uma constante, conduzindo o tema cidadania com intuito de nos fazer entender que criatividade e artes são processos inteligentes que nos tornam vivos. A criatividade, por exemplo, é uma competência facilitadora da leitura de qualquer obra artística, que não difere da leitura de qualquer texto literário. Essa percepção não é tão clara para os sujeitos, por isso utilizar os recursos psicodramáticos para entender, de forma internalizada, que ação, movimento e imagem se coadunam com o acervo de conhecimentos que o discente adquire.

Trabalhar a dança com esses propósitos é torná-la uma “dança psicodramática”, processo gerador de atitudes de valorização das produções discentes, que legitimam o ato de ser-sujeito, aproximando os discentes de suas culturas. Uma vez que o interesse pela música pop americana afasta-os de suas raízes pela intensidade com que trabalham a cultura norte americana, o psicodrama potencializa experiências que equalizam as necessidades discentes e os fazem refletir sobre os desejos, os anseios e as questões socioculturais internas e externas, contextualizando seus “saberes e fazeres” como conservas culturais ou não, segundo a própria ótica interna dos participantes. Assim, exercitam a autoconsciência e o autoconhecimento.

Definitivamente, o ato de dançar, cantar e representar são atividades que perpassam o “recinto sagrado”, silenciosamente. A sensibilidade, o sentimento e a imaginação, vez ou outra, torna-se um apelo discursivo. Embora desconsiderados pelos limites impostos pela caserna, o elo perdido com o “faz de conta” volta a imperar nas unidades militares por meio do corpo daquele que conta com um repositório de fantasia da sensibilidade e que argumenta ser necessário manter, no cotidiano, as mesmas crianças que ainda acreditam estar neles. Muitas nos mostram que o melhor da vida é dividir alegrias e tristezas com o imaginário que ela própria criou, e que ainda mantém no coração um lugar especial.

Dos resultados alcançados, pôde-se apreender que o psicodrama proporcionou a valoração da dança-teatro como um importante instrumento para a educação holística. Com essas vivências, acreditamos que o discente possa desenvolver, com mais facilidade, ações que se pautam no criar, alterar, transferir e complementar as atividades sem ferir os estatutos internos da instituição, cujas propostas de produção dos textos devem apresentar situações apropriadas pela disciplina de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras Modernas e Redação, considerando seus diversos gêneros discursivos, bem como conciliar com as apresentações cênicas locais.

Com esse discurso, propomos uma experiência que devolve a consciência planetária nas práticas educativas, dever primordial daquele que acredita ser o propósito do ser-cidadão. E, assim, podemos inferir, pelo menos, três considerações fundamentais para obter sucesso, inclusive com o letramento. A primeira é a necessidade de oferecer uma diversidade de atividades corporais que possa ser observada pelo docente por tempo mais prolongado; a outra é ampliar o campo de ação da educação motora, para que seja mais planejada e coadunada com música e práticas populares; e uma terceira, a necessidade de os docentes oportunizarem um tempo para uma escuta sensível que possa dar vazão à espontaneidade e à criatividade, além da sensibilidade, incluindo as técnicas psicodramáticas. Técnica que deu vazão para criarem um nome simbólico para a sala de dança: “quarto de brinquedos”.

Os discentes registraram, com essa atitude, o que realmente queriam: uma construção que retratasse a meninice e o ato brincante, apostando em atividades mais deliberativas e mais flexíveis para que as criações de cada um facilitassem o retorno à condição do ser-criança. Para eles, brincar de soldado com todos os apetrechos deixados em cena, era o que mais importava. Podemos dizer que os três elementos que Moreno (1985) admitiu ser os ícones de sua teoria – a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade – foram aflorados nesse momento tão prazeroso que revelou cenas além do que se esperava. Desse modo, entendemos que o psicodrama aplicado nas artes cênicas é uma categoria do saber que, articulada com outras tantas em um ambiente escolar, eleva-se na importância porque tende a dar visibilidade a novas dimensões sociais, como classe, raça/etnia e idade/geração e muitos outros itens que interessa à escola considerar.

Para avaliar o psicodrama nesse contexto, levamos em consideração os critérios que permitiram verificar em que medida o discurso foi competente para tornar as situações emergentes bem-sucedidas e socialmente aceitáveis, como deduz Jonnaert (2010, p. 72). Os discentes normalmente se harmonizam em prol de um resultado positivo. Considerando que no compartilhamento todos disseram quanto ficaram satisfeitos com o processo, entendemos que o

resultado teve ressonância grupal, não pela resposta dada pelo grupo, mas pelo desejo coletivo em continuar com os processos cocriativos.

Após verificarmos que o desenvolvimento da espontaneidade, da criatividade e da sensibilidade foi vivenciado em situações concretas, e que os manejos em prol da realização de todos os itens requeridos puderam mudar e transformar a realidade inicial, nos damos por satisfeitos. Assim, percebemos que o ato de dançar e dramatizar perpassa o sonho de qualquer cidadão. Uns o fazem, outros imaginam que fazem e outros enganam que fazem e simulam para si mesmo que não gostam desse tipo de arte, apenas porque não acreditam na possibilidade de se expressar, ato tão humano quanto comer, beber, marchar, dormir, entre outros. Ao encenar também representamos diferentes papéis e estados de ser. Compartilhamos música, voz, espaço e expressão corporal, ambiental em um incomensurável estado transdisciplinar em que o ritual é deixado de lado, posto em um cabide para que o corpo do estudante, quase soldado, “torne-se alguém ou algo de magnitude”.

## DISCUSSÃO

No 6º ano, em especial, lida-se ainda com as múltiplas maravilhas dos contos “maravilhosos”, quase encantados, quase “faz de conta”, nos quais reis e rainhas malvadas cantam, encantam, tudo que o conto apresenta por meio dos mitos, das lendas, das fábulas e dos “contos maravilhosos”. Tudo isso encanta de uma forma ou outra, qualquer um, mesmo não sendo apreciador da dramaturgia. Com essas reflexões se estreitam os laços da educação artística e da educação motora no ato de ler e escrever, contar histórias e contar letras e números em um processo inusitado de construção de imagens de um tempo que foi e que não volta mais.

Este é um grande desafio do SCMB: aprender a dançar, encenar, cantar e tocar, além de explicar que a leitura e a escrita não é tudo que usufruímos na vida. Dançar com arte e apreço determinado e determinante em um espaço que abriga a dança que se escolhe para dançar, é quase uma obrigação, porque não podemos deixar nossos corpos se tornarem marionetes nas mãos de professores coreógrafos que almejam apenas dar um nome a uma imagem sem dono e criada ao sabor do vento.

Diante de um cenário altamente racional como é aquele apresentado nos colégios militares, dificilmente acreditar-se-ia que ali também é um espaço para um cotidiano teatralizado. O soldado encena, entra e sai de cena durante todo o cortejo em que seu corpo desfila comprimido por um coturno que recebe parte de uma fantasia, simulando uma floresta que lhe cobre o corpo enquanto

brinca de soldadinho de chumbo. Esse é um dos papéis que mais encantam uma bailarina que deseja descer de sua sapatilha de ponta e experimentar, pelo menos, por alguns momentos, a possibilidade de cheirar o mato, a relva, os rios, os mares e as montanhas onde papagaios e pintassilgos cantam com os sabiás que gorjeiam o hino nacional, mesmo não sabendo a letra.

## CONCLUSÃO

Finaliza-se apresentando o psicodrama como importante instrumento metodológico. Associado às propostas inter e transdisciplinares no CMS, amplia-se a expressividade discente e facilita o ensino por competências, o ato de letrar e o protagonismo em ações individuais e grupais, além de despertar a sensibilidade lúdico-criativa e ampliar as ações socioculturais, tornando a dança, uma prática dialógica, atendendo às necessidades institucionais. Portanto, considera-se o psicodrama uma atividade propícia para o desenvolvimento das competências criativas-espontâneas, promotoras também do desenvolvimento da sensibilidade e do autoconhecimento. Com esses dados, afirma-se que o trabalho preencheu uma lacuna no contexto da dança transdisciplinar atendendo àqueles que possuem interesse em temáticas vinculadas às artes cênicas dessa natureza.

Adianta-se que o estudo é inesgotável e pode vir a contribuir para legitimar o psicodrama em outras disciplinas do currículo escolar. Uma vez que na arte tudo pode, forma-se uma rede de possibilidades cruzando culturas, técnicas, conteúdos e áreas do conhecimento até se consolidarem em uma história quase sem fim.

## REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. ed., São Paulo: Edusp, 2003.
- JONNAERT, Philippe. *Le concept de compétence revisité*. Quebec: EENAS, 2007.
- LEPAGE, Chantale. “Praticar a arte dramática na escola”. In: MARCEAU, Carole; CAJAIBA, Claudio. **Teatro na escola: reflexões sobre as práticas atuais**. Salvador: UFBA, 2013, p. 9-19.
- MÓDINGER, Carlos Roberto. **Artes Visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. São Paulo: Edelbra, 2012.
- MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1985.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: Cortez, 2000.
- ROJAS-BÉRMUDEZ, Jaime G. *Que es el sicodrama?*. Buenos Aires: Editorial Celcius, 1984.
- ROMAÑA, Maria Alicia. **Psicodrama pedagógico**. Campinas: Papirus, 1990.
- WEIL, Pierre. **Psicodrama**. Rio de Janeiro: Cepa, 1967.